

Mensa verbi Dei: **O ministério diaconal da Palavra de Deus**

Mensa verbi Dei:
The diaconal ministry of the Word of God

LUCIANO ROCHA PINTO*

Resumo: A diaconia da Igreja ganha visibilidade no diácono, sinal sacramental do Cristo Servo e expressão da Igreja Servidora. Este trabalho, refletindo sobre a missão do diácono permanente como servidor da mesa da Palavra de Deus, pretende apresentar a “teologia da mesa da Palavra”, a partir do *munus docendi* confiado ao diácono por meio de sua ordenação sacramental. Para tanto, analisa a noção de *diaconia* como fundamento do ser Igreja, considerando a atuação dos Sete helenistas, como os primeiros diáconos, além de ponderar sobre a diaconia da Palavra. Seu serviço à mesa da Palavra não deve ser visto como inferior ou como suplência, nem se deve esvaziar de sentido a celebração da Palavra por ele presidida. Antes, deve ser vista como uma diaconia, entendendo que nela é Cristo, que, na pessoa do diácono, como ministro ordenado, e na Palavra proclamada em assembleia litúrgica, fala e opera Sua obra salvadora.

Palavras-chave: Diácono. Diaconia da Palavra. Mesa da Palavra.

Abstract: The diakonia of the Church gains visibility on the deacon, sacramental sign of Christ the Servant and expression of the Servant Church. This work, reflecting on the mission of the permanent deacon as a servant of God’s Word table, intends to present the “theology of the Word table”, from the *munus docendi* entrusted to the deacon through his sacramental ordination. It thus analyzes the concept of diakonia as the basis of a Church, considering the performance of the Seven Hellenists, as the first deacons, in addition to pondering about the diakonia of the Word. Their service to the Word table shall not be seen as lower,

* Luciano Rocha Pinto é doutor em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pós-doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e pós-doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: luciannorocha@msn.com

or as supplement, or must be emptied of meaning the celebration of the Word over which he presided. Rather, it must be seen as a diakonia, understanding that it is Christ who, in the person of the deacon as an ordained minister, and in the Word proclaimed in the liturgical assembly, speaks and operates His saving work

Keywords: Deacon. Diakonia of the Word. Word table.

Para apascentar o Povo de Deus e aumentá-lo sempre mais, Cristo Senhor instituiu na Igreja diversos ministérios, ordenados para o bem de todo o seu Corpo. Entre esses ministérios, já desde o tempo dos Apóstolos, salienta-se e aparece com particular relevo o Diaconado, o qual foi tido sempre em grande estima na Igreja.

Papa Paulo VI
Carta Apostólica *Ad Pascendum*

Introdução

A Igreja nasce da ação evangelizadora de Cristo e da vinda do Espírito Santo. Evangelizar é sua missão (DIRETRIZES PARA O DIACONADO, 2012, no. 59). Por isso, os Apóstolos instituíram episcopos, presbíteros e diáconos, para continuar a obra de anunciar a Palavra de Deus a eles confiada e servir o Corpo de Cristo. A diaconia da Palavra está na raiz de seu envio (cf. Mc 16,15). Já nos Sete Helenistas, tradicionalmente considerados como os primeiros diáconos (cf. At 6,1-6), podemos identificar esta realidade. No entanto, no que se refere ao ministério diaconal, há poucos trabalhos dedicados a este âmbito de sua atuação. A ênfase, em diversas publicações, acadêmicas ou pastorais, recai sobre sua restauração pelo Concílio Vaticano II, com maior espaço de visibilidade às dimensões litúrgica e caritativa. Pouco se fala da diaconia da Palavra, ou seja, de seu ofício de proclamar e pregar o Evangelho, seja na forma de Homilia ou de evangelização, de ler a Sagrada Escritura aos fiéis, instruir, ensinar e exortar o Povo de Deus e ainda de apresentar a doutrina. Neste sentido, este trabalho busca pensar a missão do diácono permanente como servidor da mesa da Palavra de Deus. Nosso objetivo é refletir sobre a “teologia da mesa da Palavra” e sobre o *munus docendi* confiado ao diácono em virtude de sua ordenação sacramental.

O trabalho está dividido em quatro partes. Na primeira, *A diaconia como*

fundamento do ser Igreja, aponta-se para a noção de serviço como característica essencial do corpo de Cristo que, a exemplo de seu Mestre e Senhor, deve ser capaz de mediação, de produzir encontros e de estar a serviço de outrem. Essa diaconia da Igreja tem no diácono o sinal sacramental do Cristo Servo e expressão da Igreja Servidora (DIRETRIZES PARA O DIACONADO, 2012, no. 28). Antes de analisarmos seu serviço à Palavra, precisamos entender o sentido de sua vocação: o serviço. Propõe-se, inicialmente, um exercício de leitura, diria do diaconado no tempo, como lugar comum, mas também dos sentidos e dos significados das palavras “diácono” e “diaconia” em sua historicidade. É por aqui que começamos: perseguindo “as minudências da linguagem ordinária”, entendendo que as palavras não são ingênuas e que “constituem uma *reserva* de ‘distinções’ e de ‘conexões’ acumuladas pela experiência histórica” (CERTEAU, 2007, p. 72). Mais que nomear, as palavras forjam identidades e constroem percepções. São “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2007, p. 55). Podemos, então, dizer que as palavras não possuem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história.

Na segunda parte, *Os Sete e o “servir às mesas”*, buscaremos descrever e analisar uma questão que tem se imposto como fundamental e, até mesmo essencial, ao ministério diaconal: a dimensão caritativa. Apesar do Concílio Vaticano II apontar para seu serviço nos campos da Liturgia, da palavra e da caridade (LUMEN GENTIUM, no. 29), parece inconteste a atual ênfase dada ao ministério da caridade, entendida como serviço amoroso aos necessitados. Por outro lado, teria sido essa a essência do ministério dos primeiros diáconos da Igreja? Um olhar atento ao livro dos Atos dos Apóstolos, composto entre 70 e 80 d.C., contesta a interpretação que coloca em evidência essa dimensão do ministério diaconal em detrimento de seu serviço à Palavra e à liturgia. Neste sentido, o tradicional “servir à mesa” é mais do que aquilo que aparenta. Seu significado, como conhecemos hoje, é datado e efeito de uma interpretação pontual de forma que não deve ser visto como mero “assistencialismo piedoso”.

Em *Os Sete e a mesa da Palavra*, veremos o surgimento do grupo dos Sete Helenistas na Igreja e analisaremos seu campo de atuação. A partir da morte de Estevão, ocorre uma dispersão daquele grupo. Tal fato colocará o círculo dos Sete e seus epígonos como os primeiros evangelizadores dos gentios. O anúncio e a pregação da Palavra de Deus entre os judeus da diáspora e os “tementes a Deus”, gentios simpatizantes do monoteísmo judaico, mas que não se deixavam circuncidar, produzirão efeitos de conversão e crescimento da Igreja. Ao analisarmos

seu programa missionário, poderemos vislumbrar uma atuação bastante profética e inspiradora.

Por fim, em *Diaconia da Palavra*, veremos como a evangelização constitui-se a missão fundamental da Igreja. O diácono, como ministro ordenado, é participante dessa missão. De modo específico, a exemplo do epíscopo e do presbítero, compartilha da tríplice função do sacramento da Ordem, como mestre, santificador e guia. É neste sentido que, seguindo os apontamentos do Concílio Vaticano II, entendemos haver harmonia do *triplex munus: docendi* (funções de serviço à Palavra), *santificandi* (funções litúrgico-sacramentais) e *regendi* (funções sociais e/ou caritativas). Em função dessa constatação tratamos, por fim, da valorização da celebração da Palavra de Deus por parte do diácono, entendendo que nela é Cristo, que, na pessoa do diácono e na Palavra proclamada em assembleia litúrgica, fala e opera sua obra salvadora. Entendemos que não há substituição. “A celebração da Eucaristia é o centro de toda a vida cristã, tanto para a Igreja universal, como para as comunidades locais da mesma Igreja” (SAGRADA COMUNHÃO, no. 1). No entanto, entendemos também que a celebração da Palavra é uma diaconia e não mera suplência realizada na ausência da Santa Missa.

1. A diaconia como fundamento do ser Igreja

A palavra “diácono” vem do grego *diakonós*, servo, servidor. Sua raiz, *diakón*, expressa uma atividade realizada em nome de outro ou para outro. Pode ser encontrada em diversos textos do Novo Testamento, na forma de serviço, como em Lc 10,40: “Marta estava ocupada pelo muito *serviço*. Parando, por fim, disse: ‘Senhor, a ti não importa que minha irmã me deixe sozinha a fazer o *serviço*?’”¹. Em Jo 2, 5.9 como servo/servidor: “sua mãe disse aos *serventes*: ‘Fazei tudo o que ele vos disser’ (...) Quando o mestre da sala provou a água transformada em vinho – ele não sabia de onde vinha, mas o sabia os *serventes* que haviam retirado a água – chamou o noivo”².

¹ ἡ δὲ Μάρθα περιεσπᾶτο περὶ πολλὴν διακονίαν· ἐπιστᾶσα δὲ εἶπεν· κύριε, οὐ μέλει σοι ὅτι ἡ ἀδελφὴ μου μόνην με κατέλιπεν διακονεῖν; εἰπέ οὖν αὐτῇ ἵνα μοι συναντιλάβηται. (Lc 10,40) (cf. Novum Testamentum Graece Nestle-Aland. Deutsche Bibelgesellschaft. 28th edition (2012). Disponível em: <<http://www.nestle-aland.com/en/home/>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

² λέγει ἡ μήτηρ αὐτοῦ τοῖς διακόνοις· ὅ τι ἂν λέγῃ ὑμῖν ποιήσατε. (...) ὡς δὲ ἐγεύσατο ὁ ἀρχιτρίκλιος τὸ ὕδωρ οἶνον γεγεννημένον καὶ οὐκ ᾔδει πόθεν ἐστίν, οἱ δὲ διάκονοι ᾔδεισαν οἱ ἠντληκότες τὸ ὕδωρ, φωνεῖ τὸν νυμφίον ὁ ἀρχιτρίκλιος (Jo 2,5.9) Cf. Ibidem.

O termo também pode ser traduzido por *ministro*, sendo aplicado aos apóstolos como ministros da Nova Aliança: “Foi ele quem nos tornou aptos para sermos *ministros* de uma Aliança nova, não da letra, e sim do Espírito, pois a letra mata, mas o Espírito comunica a vida” (2Cor 3,6)³. De modo geral, no Novo Testamento são bastante utilizados os substantivos servidor (*diakonos*) e serviço (*diakonia*), assim como o verbo servir (*diakoné*): *diakonos* aparece 34 vezes, *diakonia*, 30 vezes e *diakoné*, 36 vezes. As maiores incidências estão nas cartas de Paulo (24 vezes só em 1 e 2 Coríntios), nos sinóticos e nos Atos dos Apóstolos (21 vezes) (BENDINELLI, 2011, p. 39).

Os termos *diakonos*, *diakonia* e *diakoneo* ocorrem nos Evangelhos em textos narrativos e discursivos. No primeiro caso, temos o servir da sogra de Pedro após sua cura (Mc 1,31ss), Marta e Maria (Lc 10,40), a ceia na casa de Marta e Lázaro (Jo 12,2), o servir das mulheres que seguiam Jesus (Mc 15,41; Lc 8,3; Mt 27,55). No entanto, as palavras de Jesus também são *diakonia* (Mc 10,43-45; Lc 22,27). O discursivo é, em si mesmo, serviço entendido como *martyria*, como anúncio e testemunho da Boa Nova do Reino. O sentido de *diakonia* está atravessado no ministério de Jesus e no modo de ser Igreja.

Jesus se apresenta como aquele que veio para *servir*: “desse modo, o Filho do Homem não veio para ser *servido*, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos” (Mt 20,28)⁴. Ele é o diácono/servo por excelência: “pois, qual é o maior: o que está à mesa, ou aquele que *serve*? Não é aquele que está à mesa? Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que *serve*!” (Lc 22,27)⁵. Todas as imagens que Jesus utiliza para si estão atravessadas pela noção de serviço e doação: Ele é o pão (Jo 6,38), o pastor (Jo 10,11-12), o caminho (Jo 14,6), a videira (Jo 15,5-6), a luz (Jo 12,46)... (DURAN, 2003, p. 135). A diaconia, o serviço, é a chave de compreensão de sua vida e condição de todo aquele que deseja segui-lo: “...aquele que quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que *serve*” (Mt 20,26)⁶. “Se alguém quer servir-me, siga-me; e onde

³ ὅς καὶ ἰκάνωσεν ἡμᾶς διακόνους καινῆς διαθήκης, οὐ γράμματος ἀλλὰ πνεύματος· τὸ γὰρ γράμμα ἀποκτείνει, τὸ δὲ πνεῦμα ζωοποιεῖ. (2 Cor 3,6). Cf. Ibidem.

⁴ ὥσπερ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου οὐκ ἦλθεν διακονηθῆναι ἀλλὰ διακονῆσαι καὶ δοῦναι τὴν ψυχὴν αὐτοῦ λύτρον ἀντὶ πολλῶν. (Mt 20,28). Cf. Ibidem.

⁵ τίς γὰρ μείζων, ὁ ἀνακείμενος ἢ ὁ διακωνῶν; οὐχὶ ὁ ἀνακείμενος; ἐγὼ δὲ ἐν μέσῳ ὑμῶν εἰμι ὡς ὁ διακωνῶν. (Lc 22,27). Cf. ibidem.

⁶ οὐχ οὕτως ἔσται ἐν ὑμῖν, ἀλλ’ ὅς ἐὰν θέλῃ ἐν ὑμῖν μέγας γενέσθαι ἔσται ὑμῶν διάκονος, (Mt 20,26). Cf. ibidem.

estou eu, aí também estará o meu *servo*” (Jo 12,26)⁷. Nessa dinâmica, todo cristão é chamado a ser, como o Cristo, diácono do Pai. Ele é a fonte e a matriz da diaconia.

No entanto, o termo *diáconos*, no Novo Testamento, também indica um grau da hierarquia eclesiástica, conforme a saudação de Filipenses 1,1 (“Paulo e Timóteo, servos de Jesus Cristo, a todos os santos em Jesus Cristo, que se acham em Filipos, juntamente com os bispos e *diáconos*”)⁸ e 1 Timóteo 3,8 (“Os diáconos igualmente devem ser respeitáveis, de uma só palavra, não inclinados ao vinho, sem cobiçar lucros vergonhosos”)⁹. Assim, a palavra “diácono” é múltipla e aponta para diversos sentidos possíveis, como o servir à mesa no espaço doméstico ou em uma reunião festiva, implica ainda o colocar-se a serviço do outro, mas, também aponta para o comportamento cristão de servir a Cristo no outro, indicando assim a atitude de servir o Evangelho na comunidade e, mais especificamente, designa um ministério eclesial ordenado.

Diante do exposto, podemos dizer que a comunidade cristã se caracteriza pela diaconia, pelo serviço como atitude fundamental do ser Igreja. Na “nova aliança” de Jesus “a atividade de servir contrasta-se com a de reinar” (HESS, 1983, p. 448 e 452). O que serve é maior no Reino dos Céus (Mt 20,20-28). O lava-pés, na última Ceia (Jo 13,1ss), aponta essa revolução instigada por Jesus (BEYER, 1965, p. 277). A diaconia da Igreja deve ser, por extensão, a difusão comunitária e fraternal da diaconia de Jesus. Paulo apresenta, em suas cartas, a figura do corpo e suas partes para ilustrar a Igreja de Cristo (1 Cor 12,1-11; 12-31; Rm 12,4-8). O apóstolo admite a existência de membros “mais fracos” (1 Cor 12,22), “mais nobres” (1 Cor 12,24) e até os “menos dignos” (1 Cor 12,23), mas, juntos formam “um só corpo em Cristo e membros uns dos outros” (Rm 12,5).

A noção de diaconia passa pela mediação. Sua condição primeira é a saída de si mesmo para produzir encontros. É neste sentido que se pode compreender que na *Didakhe*, datada entre 60 a 100 d.C., os episcopos

⁷ ἐὰν ἐμοὶ τις διακονῆ, ἐμοὶ ἀκολουθείτω, καὶ ὅπου εἰμὶ ἐγὼ ἐκεῖ καὶ ὁ διάκονος ὁ ἐμὸς ἔσται· ἐὰν τις ἐμοὶ διακονῆ τιμήσει αὐτὸν ὁ πατήρ. (Jo 12,26). Cf. *ibidem*.

⁸ Παῦλος καὶ Τιμόθεος δοῦλοι Χριστοῦ Ἰησοῦ πᾶσιν τοῖς ἁγίοις ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ τοῖς οὖσιν ἐν Φιλίπποις σὺν ἐπισκόποις καὶ διακόνοις, (Fl 1,1). Cf. *ibidem*.

⁹ Διακόνους ὡσαύτως σεμνοῦς, μὴ διλόγους, μὴ οἴνω πολλῷ προσέχοντας, μὴ αἰσχροκερδεῖς, (1 Tm 3,8). Cf. *ibidem*.

e os diáconos sejam escolhidos pela comunidade. Neles, reconhecia-se esta capacidade de mediar, de ir ao encontro do outro em sua necessidade. Eles deveriam ser pessoas que se destacavam como servidores, como mediadores de conflitos e interlocutores, “homens mansos, desprendidos do dinheiro, verazes e *provados*” (Didakhe, XV,1). Ambos eram escolhidos por assemelhar-se ao Cristo Servo. Tal aproximação chegou a ser ensinada por Inácio de Antioquia (35-107): “que todos reverenciem os diáconos como Jesus Cristo, tal como também o bispo que é imagem do Pai” (*Carta aos Tarsos* 3,1; SCh 10, 113). A diaconia é, portanto, o fundamento do ser Igreja. As diferentes funções exercidas devem ser entendidas como “serviço”, diaconia (cf. 1 Cor 12,5) (RIEFF, 2003, p. 25-26), não como privilégios.

2. Os Sete e o “servir às mesas”

Naqueles dias, aumentando o número dos discípulos, surgiram murmurações dos helenistas contra os hebreus. Isto porque, diziam aqueles, suas viúvas estavam sendo esquecidas na distribuição diária. Os Doze convocaram então a multidão dos discípulos e disseram: “Não é conveniente que abandonemos a Palavra de Deus para servir às mesas. Procurai, antes, entre vós, irmãos, sete homens de boa reputação, repletos do Espírito e de sabedoria, e nós os encarregaremos desta tarefa. Quanto a nós, permaneceremos assíduos à oração e ao ministério da Palavra. A proposta agradou a toda a multidão. E escolheram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Felipe, Prócoro, Nicanor, Timon, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia. Apresentaram-nos aos apóstolos e, tendo orado, impuseram-lhes as mãos. E a Palavra do Senhor crescia. O número dos discípulos multiplicava-se enormemente em Jerusalém, e considerável grupo de sacerdotes obedecia à fé. (At 6,1-7)

Tradicionalmente, o ministério diaconal tem suas referências nos Atos dos Apóstolos com a escolha de “sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria” (Atos 6,3). Parece que o primeiro a ver nos “Sete” os *diakonós*, como ministério ordenado, foi Santo Irineu, por volta de 180 (IRINEU, [c.180] 1995, p. 298). Cipriano (CYPRIEN, III, 1) e Agostinho (FAIVRE, 1992, p. 157), semelhantemente, afirmam que o diaconado foi instituído pelos apóstolos nos “Sete”. São João Crisóstomo, no entanto, não

concorda com esse ponto de vista (CRISÓSTOMO, PG 60). Ele não está sozinho. Exegetas, a partir do século XIX, fazem eco à sua suspeita. Segundo esses estudiosos, o termo “diáconos” não aparece em lugar nenhum desse episódio de Atos (BORRAS; POTTIER, 2010; GATZWEILER, 1997; HAENCHEN, 1971; FABRIS, 1991; LEMAIRE, 1971). Ademais, os únicos dos Sete que aparecem nos relatos de Lucas (Estevão e Filipe) não aparecem “servindo as mesas”, fazendo o que, segundo seu entender, seria o trabalho de um diácono, numa concepção mais assistencialista/caritativa do ministério, mas atuam como evangelistas (MACARTHUR, 1994, p. 182; POLHILL, 2001, p. 182-183). O texto de Atos 6,1-7 apresentaria, assim, os primeiros esforços de organização da igreja (FIGUEIREDO, 1984, p. 76), mas, não necessariamente o diaconado, como ministério ordenado.

Na Igreja de Roma, no entanto, encontramos referências àqueles Sete Helenistas, visto como importante se respeitar o número de 7 (sete) diáconos (PRAT, 1912, p. 468; MARAVAL, 1997, p. 166-175). Eusébio de Cesareia (Séc. IV), referindo-se a uma carta de Cornélio de Roma, conta que havia, então, naquela Igreja, um bispo, 46 presbíteros, 7 diáconos e 7 subdiáconos. Este número faria, então, referência aos Sete de Atos. O Concílio de Neocesareia (314), semelhantemente, propõe o número de 7 diáconos (DIBOUT; FAIVRE, 1996, p. 17). Penso que a fixação do número sete para os diáconos deve ser pensado mais em relação às tramas de poder pastoral, no qual se rivalizavam diáconos e presbíteros, do que por simples respeito aos Sete Helenistas e referência a eles (PINTO, 2016). Essa política de limitar o número de diáconos é contrária, por exemplo, à *Didascália dos apóstolos* (Síria, c. 230), que desejava “que houvesse diáconos na proporção do número na assembleia do povo da Igreja” (*Didascália* 3,13,1). Por esta mesma época, a Igreja de Alexandria contava com 24 presbíteros e 36 diáconos. Santo Agostinho contava com dois presbíteros, seis diáconos e um subdiácono. Na Constantinopla do século VI, havia 60 presbíteros e 100 diáconos. No final daquele século, os diáconos somavam 150 (BORRAS; POTTIER, 2010, p. 49). Seja como for, Atos 6,1-7 está relacionado tradicionalmente ao diaconado como ministério ordenado.

Neste trabalho, adota-se o posicionamento pró-interpretação tradicional. Entende-se que este “servir à mesa” não deve ser visto pela lógica do assistencialismo piedoso, nem a falta do termo *diakonós* deve ser entendido como negação da instituição do diaconado nos Sete Helenistas. Para justificar tal posicionamento, quero afirmar que a essência do ministério diaconal não

passa exclusivamente pela assistência piedosa e caritativa dos necessitados. Essa interpretação tem sua origem no protestantismo oitocentista, quando luteranos alemães, liderados pelo pastor Theodor Fliedner e sua esposa Friedericke, criaram as famosas *Casas Matrizes de Diaconisas*, instituições que se difundiram pela Europa e Estados Unidos (BENDINELLI, 2016, p. 125-126). Inspirados no reformador Ulrico Zwinglio, associaram o diaconado à caridade social. Semelhante interpretação encontra-se na obra de James Monroe Barnett, intitulada *The Diaconate: A Full and Equal Order*, editado pela primeira vez em 1979, e que reforça o princípio fundamental do diaconado como serviço ao necessitado (BARNETT, 1995). Conforme tese de doutorado de Júlio Bendinelli:

...contrariando frontalmente esse posicionamento defendido por Barnett e pelos protestantes, o pesquisador John N. Collins sustenta que o entendimento do termo diácono como sendo, antes de tudo, alguém devotado à caridade e ao serviço social *não* se baseia na Escritura, mas em uma interpretação *particular* da Escritura originada na Alemanha no século XIX e propagada em nível acadêmico em 1931, quando o capelão das diaconisas Wilhelm Brandt, em sua obra *Dienst und Dienen im Neuen Testament* insistia que o termo *diakonía* expressava um tipo especificamente cristão de serviço. A interpretação linguística de Brandt recebeu plena aceitação acadêmica quando H. W. Beyer a incorporou em uma publicação da época: o Dicionário Teológico do Novo Testamento [...] de 1935 (BENDINELLI, 2016, p. 126).

Esse primeiro ponto é fundamental para desterritorializar o diaconado de um senso comum: o da caridade como sua essência e fundamento. A caridade, antes de tudo, é eclesial. Todos os batizados são chamados ao amor fraterno vivido em gestos concretos. Depois que apareceram os Sete, os Apóstolos deixaram de praticar o amor caridoso? O que faziam com os bens que a comunidade colocava a seus pés (At 4,37; 5,2)? Entende-se que o “servir às mesas” não é expressão de uma pastoral da caridade, mas do exercício do *munus docendi*, do serviço à mesa da Palavra através do anúncio, da catequese e da pregação que aparece desde o início como parte constitutiva de seu ministério (BENDINELLI, 2016, p. 113), visível no relato dos Atos dos Apóstolos. Sobre isso, veremos mais detidamente adiante ao pontuarmos a atuação dos Sete. Ademais, parece estranho, ou ao menos contraditório, que Lucas relate não haver “uma só pessoa necessitada entre eles” (At 4,35) e, logo depois,

apareçam viúvas reclamando por assistência social. Não distribuíam os Apóstolos os bens conforme a necessidade de cada um (At 4, 36)?

Sobre a segunda questão levantada, na qual o termo “diáconos” não aparece no relato de Atos 6,1-7, estou convencido de que isso não descaracteriza a instituição desse ministério ordenado. João Paulo T. de AQUINO (2010), em artigo intitulado *Atos 6,1-7: a gênese do ofício diaconal?* traz os seguintes argumentos: (1) A reunião que elegeu os Sete teve um caráter oficial. O termo “convocaram” usado por Lucas em Atos 6,2 aponta para a importância de uma reunião de todos os discípulos com os Apóstolos. A necessidade de uma convocação de toda comunidade implica sua oficialidade e (2) envolvia o exercício de autoridade sobre a comunidade, neste caso específico, de língua grega. (3) As ocorrências da raiz *diakon* – como vimos na primeira parte deste trabalho – apontam o servir ao outro no espaço doméstico, na caridade pública, mas, também o servir a Cristo no outro, *servir* o Evangelho na comunidade, por meio do anúncio, da catequese e da pregação e, mais especificamente, indica um serviço eclesial específico e ordenado. (4) A imposição das mãos (At 6,6) confirma o ofício em seu caráter sacramental. Esse gesto liga-os à missão dos Doze, a fim de servir a Igreja com a autoridade de Cristo. (5) Por fim, os demais textos neotestamentários que falam sobre o diaconado (Fl 1,1 e 1Tm 3,8-13) dependem de Atos 6,1-7 para que sejam plenamente compreendidos.

A identificação do diaconado nos Sete ganha visibilidade especial no gesto consecratório de “impor as mãos” (At 6,6). Essa expressão ritual se diferencia de outras formas de investiduras pelo fato de ser uma consagração para a missão, ou seja, o escolhido é investido de uma graça especial para prestar um serviço, levado pelo chamado da Igreja (BORRAS; POTTIER, 2010, p. 107-108). Mais que uma eleição para atribuir função, acontecimento com os primeiros esforços de organização, Atos 6,1-7 dá visibilidade à instituição do ministério diaconal, cujo ato de impor as mãos, “confere um dom do Espírito Santo, que permite exercer um ‘poder sagrado’ (*sacra potestas*), podendo vir somente do próprio Cristo, por meio de sua Igreja” (CEC, 1538). Ademais, a atividade pastoral dos Sete e de seus epígonos parece bastante próxima daquela desempenhada pelos Apóstolos, o que reforça a extensão da missão dos Doze nos Sete.

A ordenação é o evento que relaciona três elementos: o chamado, a eleição e o envio. “É o corpo eclesial, na diversidade de seus membros, que toma parte no chamado de seus ministros” (BORRAS; POTTIER, 2010, p. 106). Assim,

vemos os Doze convocando a “multidão de discípulos” (At 6,2) e ponderando sobre as urgências da comunidade. Importante perceber que na Igreja nunca houve “autoproclamados”, mas escolhidos e eleitos. Os Sete foram, assim, chamados e selecionados entre os “de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria” (At 6,3). Convocados pela Igreja, são investidos do poder do alto: “e estes [os Apóstolos], orando, lhes impuseram as mãos” (At 6,6). São, então, enviados a servir à semelhança do Cristo-Servo. É neste movimento de saída que cresce a Palavra de Deus e se multiplicava o número dos discípulos (cf. At 6,7). Certamente o diácono, a exemplo dos Sete, é servidor da mesa. Sua diaconia passa pelo pão partilhado com o Cristo pobre e sofredor, mas, sobretudo, pelo repartir o Pão da Palavra. No exercício de seu *Munus docendi*, outras mediações se produziam e o pão repartido produzia vida e vida abundante no corpo e no espírito.

3. Os Sete e a mesa da Palavra

No capítulo 6 de Atos, aparece um novo grupo na Igreja de Jerusalém: os helenistas, judeus de fora da Palestina, da “diáspora”, em contato com a cultura grega e que falavam o grego. Um bom número deles residia, então, em Jerusalém e mantinha sinagogas próprias, onde liam as Escrituras em grego, na Versão dos LXX ou Septuaginta. Havia um grupo deles convertido ao Cristianismo. Segundo Lucas, os Apóstolos encarregaram sete homens, oriundos daquela comunidade, do serviço às mesas devido à insatisfação de alguns membros, especificamente as viúvas, que se diziam “esquecidas na distribuição diária”. Outra tradução dirá: “desprezadas no ministério cotidiano” (Atos 6,1). Para assisti-las foram escolhidos Estêvão, Felipe, Prócoro, Nicanor, Timon, Pármenas e Nicolau, homens de “bom testemunho”, “cheios do Espírito Santo e de sabedoria” (cf. At 6,3-5). Depois que os Apóstolos “impuseram-lhes as mãos” (At 6,6), nenhum deles aparece “servindo as mesas”, entendido no sentido comum de uma caridade ou assistência social aos necessitados, deixando, assim, os Doze dedicados exclusivamente à pregação. Na verdade, quando a perseguição, desenvolvida no contexto de um sectarismo judaico, dispersar os sobreviventes daqueles Sete, vê-los atuarmos mais como pregadores do que administradores ou ministros da caridade (MARINS, 1968, p. 46-47).

Embora as “viúvas”, na tradição bíblica, formassem um grupo social que

vivia da caridade da comunidade (Cf. At 9, 39), o mesmo não se aplica aos helenistas, em geral, de boa situação econômica. É o caso de José Barnabé, levita de família proveniente de Chipre; de Maria e seu filho João Marcos e, talvez, de Ananias e Safira, casal que doou parte de suas posses à comunidade (At 4,36ss). Eram pessoas bem situadas entre os judeus da diáspora, que abriam as portas de suas casas para as reuniões e colocavam seus bens à disposição para custear as refeições comunitárias (Cf. At 2,46) e socorrer os necessitados, uma vez que os mais pobres se contavam entre os discípulos galileus e não entre os helenistas (EBNER, 2012, p. 14). Os Sete são, então, encarregados pelos Apóstolos de assistir esses irmãos de língua grega. A razão é simples: o idioma.

É verdade que da parte dos Apóstolos há dois com nomes gregos: André e Filipe. Segundo Jo 1,44, provenientes de Betsaida, ou melhor, de Júlia, helenizada capital de Herodes Filipe, ambos tinham contato com gregos (Jo 12,20-22). Pode-se supor que Pedro conhecia o grego, mesmo que rudemente, pois do contrário não teria comunhão de mesa com os “pagãos” de Antioquia (Gl 2,12) (EBNER, 2012, p. 13). No entanto, os Sete Helenistas emergem como uma extensão da diaconia apostólica aos convertidos de língua grega, enquanto o grupo dos Doze dedicavam-se a pregar aos de sua própria língua. No entanto, a razão, certamente, não é apenas de caráter metódico e prático. Naquele primeiro momento, os membros da comunidade que Jesus deixara em Jerusalém após sua ascensão apresentavam-se como os que viviam um judaísmo mais legítimo que o de seus pais, transcendendo, inclusive o ensinamento fariseu. Tinham consciência de seguir o Messias esperado (PIERRARD, 1982, p. 18). Daí se entende porque os Doze continuavam a orar regularmente no Templo (At 2,46; 3,1), ao passo que outros que pertenciam à sinagoga helenística prosseguiam a pregação pública neste último local (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 45).

O *munus docendi* ou serviço à Palavra através do anúncio e da pregação aparece desde cedo na atividade ministerial do grupo dos Sete. Por outro lado, os Atos dos Apóstolos relatam as atividades de apenas dois: Estevão e Felipe. O primeiro é apresentado fazendo sinais em meio ao povo (At 6,8) e pregando a Palavra de Deus (At 6, 10; 7, 2-54). Será o primeiro mártir da Igreja (At 7, 55-60). Foi naquele contexto de pregação que Estevão se envolve numa discussão com judeus helenistas na cidade. Os Atos narram que isso teria acontecido em Jerusalém, na sinagoga dos libertos (At 6,9), onde se reuniam ex-escravos de Roma e de outras cidades da diáspora. Sua morte decorreu de

sua rejeição ao Templo e aos sacrifícios, “criticando a noção de que a salvação vinha de um lugar central de culto” (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 45). A crítica de Estevão ao Templo, no entanto, constituía um importante atrativo aos judeus da diáspora, de modo especial, aos “tementes a Deus”, gentios que frequentavam as sinagogas atraídos pela ideia de monoteísmo, mas que não se submetiam à circuncisão.

Lucas coloca Estevão na mesma linha de tradição com Jesus, recebendo a mesma acusação que o Mestre (cf. Mc 14,58; At 6,14). A promessa de um Novo Templo, que abolia a eficácia do Templo de Jerusalém e atribuía valor ao corpo comunitário reunido em liturgia e o corpo individual em oração (cf. 1Cor 3,16), parecia mais elevado que os sacrifícios e a circuncisão. Um culto incruento e entendido como “evento da Palavra”, mais espiritualizado, onde as orações e as esmolas eram consideradas sacrifícios superiores (EBNER, 2012, p. 15-16). A morte de Estevão, principiando um movimento agressivo de perseguição da parte dos judeus, vai desencadear um movimento centrífugo, levando muitos cristãos para fora de Jerusalém. Nos Atos dos Apóstolos são designados como “os dispersos”. Os Sete tornam-se, assim, os primeiros missionários dos gentios, como atesta a Escritura:

...desencadeou-se uma grande perseguição contra a Igreja de Jerusalém. Todos com exceção dos apóstolos, dispersaram-se pelas regiões da Judéia e da Samaria. (...) Os que *andavam dispersos* iam por toda a parte, anunciando a Palavra (At 8,4). *Aqueles que haviam sido dispersos* desde a tribulação que sobreviera por causa de Estêvão, espalharam-se até a Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a Palavra, senão somente a judeus. Havia entre eles, porém, alguns cipriotas e Cireneus. Estes, chegando a Antioquia, falaram também aos gregos, anunciando-lhes a Boa Nova do Senhor Jesus. A mão do Senhor estava com eles e grande foi o número daqueles que abraçaram a fé e se converteram ao Senhor (At 11,19-21).

Em Antioquia, os helenistas e seu círculo pregavam aos gregos com muitas conversões. A notícia de que anunciavam a Boa Nova somente para os judeus (At 11,19) é desmentida por At 11,20. Sua atividade missionária logo chamou a atenção da Igreja de Jerusalém (At 15). Assim, vê-lo-emos não apenas em Antioquia, Fenícia e Chipre, mas também em Damasco, Judeia, Cesareia, Jaffa e Gaza (SUFFERT, 2001, p. 26-27). Os destinatários de sua mensagem foram os judeus marginalizados, mas também *gentios*, de modo

particular os “tementes a Deus”. Estes não circuncidados que se simpatizavam com o judaísmo e participavam da liturgia nas sinagogas estavam, contudo, excluídos das festividades mais importantes, como a da Páscoa, por exemplo. Aquela primeira geração de evangelizadores apregoava nas sinagogas locais a Jesus como o Messias anunciado pelos profetas. Sua mensagem carregava a universalidade da Salvação e a hora dos verdadeiros adoradores. Uma vez que o Reino dos Céus está entre nós, não se adora mais em Jerusalém, nem em outro lugar específico, mas, em espírito e verdade (Jo 4,21-23). Seu anúncio rompia as exclusões e superava as divisões. Felipe, por exemplo, um dos Sete, integrou pela primeira vez um pagão no Povo de Deus (o eunuco etíope, alto funcionário de Candace, da Etiópia – cf. At 8,26-40), fazendo uso do Batismo e não da circuncisão. Conforme Martin Ebner, “eunucos estão por princípio excluídos da plena participação do Povo de Israel. De acordo com o enunciado profético (Is 56,3-5), isso apenas poderá ser mudado no fim dos tempos. Assim, sendo, Felipe já agiu segundo as regras do “Novo Templo” (EBNER, 2012, p. 17).

É na figura de Felipe que se pode ver como o grupo dos Sete acompanha a comunidade dos “dispersos” em seu deslocamento e funda, assim, novas comunidades. Felipe aparece anunciando o Evangelho pelas cidades vizinhas depois de ter batizado o etíope eunuco. Foi missionário entre os gentios antes de Paulo, fundando comunidades fora da Judeia. Aparece pregando na Samaria, onde realiza curas e batiza a muitos (At 8, 4-13). Por meio dele, “os espíritos impuros saíam, dando grandes gritos, e muitos paralíticos e coxos foram curados” (At 8,7). Pregou o Evangelho em Azoto e em todas as cidades até a Cesareia (At 8,40), onde passou a viver com sua família (At 21,8). Suas quatro filhas são citadas como profetisas e pregadoras naquela comunidade (At 21,9). Foi em sua casa que Paulo se hospedou ao retornar de Ptolemaida (At 8,21).

Na atividade dos cristãos em Antioquia, Fenícia e Chipre, núcleos de atuação dos Sete (At 11,19-21), os gentios eram admitidos na comunidade e, portanto, na qualidade de Povo de Deus, pelo batismo, sem a prática da circuncisão (SUFFERT, 2001, p. 26-27). O historiador romano Flávio Josefo registrou a abertura que os judeus tinham para com os gregos (*Bellum Judaic.* VII, 45). Os “dispersos” de Jerusalém em Antioquia integraram muitos não judeus ao povo de Deus e iniciaram o processo de distanciamento do judaísmo ao romper com a circuncisão como marca identitária. Não por acaso, foi lá

que os seguidores de Jesus foram chamados pela primeira vez de cristãos (At 11,26).

Damasco era outra localidade de atuação dos Sete. Cidade helenística na província romana da Síria, estava rodeada por uma zona rural de cultura semítica, onde havia uma grande comunidade judaica, cuja vida girava em torno da sinagoga (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 47). Foi ali que Paulo tomou conhecimento do novo método missionário, livre da circuncisão (At 22,11-16). Convertido e batizado, abraçou totalmente o programa desse grupo: agia entre os judeus marginalizados, entre os gentios, os “tementes a Deus” e não exigia a circuncisão, mas, o batismo. Importante pontuar que todo o primeiro milênio foi efetivamente centrado no batismo, identificado como a salvação (Mc 16,16). “Num mundo pagão, na verdade, a questão da entrada na Igreja é capital; o sacramento do batismo é, pois, então o maior de todos. É, aliás, em função do ritual do batismo que os padres conciliares de Niceia e de Constantinopla definem seu Credo” (BORRAS; POTTIER, 2010, p. 106).

Paulo levou adiante o programa missionário do círculo dos Sete, como era praticado em Antioquia e, também, em Damasco (EBNER, 2012, p. 30-31). A problemática na comunidade nascente, dividida entre helenistas e judeus, ganha visibilidade no Concílio de Jerusalém, em 49 d.C. (At 15,5-21), na qual Paulo defende a experiência vivida pelos primeiros diáconos e seus epígonos. Os helenistas criticavam o judaísmo tradicional que separava, por meio de seus costumes e práticas, os judeus das outras pessoas, como na prática da circuncisão (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 55). Tal questão se insinuava na comunidade cristã, principalmente na figura de Thiago. Se o capítulo 6 de Atos dá visibilidade à instituição do diaconado e ao nascimento de uma comunidade local, o capítulo 15 aponta para os efeitos de sua atividade missionária, ali representada por Paulo, Barnabé e Tito, incircunciso e batizado (Gl 2, 1.3). Assim, antes que Paulo fosse o apóstolo dos gentios, aqueles Sete já eram seus pastores, servindo-os na mesa da Palavra.

4. Diaconia da Palavra

Os Apóstolos instituíram, para o anúncio da Boa Nova de Cristo, episcopos (At 20,28; Fil 1,1; 1 Tim 3,2), presbíteros (At 11,30; 14,23; Tg 5,14; 1 Tim 5,17-22) e diáconos (Fil 1,1; 1 Tim 3,8-13). O “ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15) está na base da diaconia da Igreja.

Sua principal missão é evangelizar (PARECIDA, 2007, p. 24-25). O diácono é participante dessa missão e seu *munus docendi* pode ser visualizado na cerimônia de ordenação com a entrega do livro dos Evangelhos da parte do bispo, acompanhada da exortação: “recebe o Evangelho de Cristo do qual foste constituído mensageiro: transforma em fé viva o que leres, ensina aquilo que creres e procura realizar o que ensinares” (PONTIFICAL, 2002, n. 238)¹⁰.

O diácono é, portanto, servidor da Palavra e servo do povo de Deus a quem deve anunciar a vida nova de Cristo Jesus. Pela ordenação, o dom do Espírito Santo é derramado sobre ele e imprime um caráter sacramental indelével. Torna-se, assim, sobrenaturalmente semelhante a Cristo Servo e capaz de representá-lo sacramentalmente na Igreja (PETROLINO, 2007, p. 123). De modo especialíssimo, ao proclamar o Evangelho, é Cristo *in persona* que fala (BOSELLI, 2009, p. 76). Conforme GAMBER (1965, p. 18):

Eis que se adianta a procissão do Santo Evangelho, como o poderio do Cristo triunfante da morte, em meio aos cânticos (...) e dos sete candelabros, que são os sete dons do Espírito Santo. O diácono sobe ao ambão, como o Cristo à cátedra do Reino do Pai, e dali proclama os dons da vida, enquanto os clérigos aclamam: Glória a vós, Senhor.

Como ministro ordenado, o diácono participa da tríplice função do sacramento da Ordem: “é *mestre* quando proclama e explica a Palavra de Deus; é *santificador* quando administra o sacramento do Batismo, da Eucaristia e os sacramentais; é *guia* quando anima comunidades ou setores da vida eclesial” (JOÃO PAULO II, *apud* PETROLINO, 2007, p. 168). Conforme afirma Júlio BENDINELLI (2016, p. 161), em sua tese de doutorado:

tanto quanto há uma presença real do Senhor nas Sagradas páginas do Evangelho, incorporação do Cristo, existe uma presença real na pessoa do diácono, que proclama o Evangelho, por meio do qual o Senhor mesmo continua a falar hoje à sua Igreja”

Constituído sacramentalmente mensageiro do Evangelho, o diácono tem por missão alimentar o povo com o pão da Palavra de Deus. Em seu serviço litúrgico às comunidades está a celebração da Palavra, recomendada pela

¹⁰ *Accipe Evangelium Christe, cuius praeco effectus es: et vide, ut quod legeris credas, quod credideris doceas, quod docueris imiteris.*

Constituição *Sacrosanctum Concilium* (no. 35). A mentalidade usual coloca-a na condição de suplência. Se não é possível a celebração eucarística, faz-se a celebração da Palavra, com distribuição da Eucaristia, preferencialmente. Mas, por que pensar a celebração da Palavra no contexto da suplência e não da diaconia?

É importante ressaltar que, com o Concílio Vaticano II, a Igreja passa a valorizar mais a Palavra de Deus e sua celebração. Percalços históricos em torno de discussões sobre a Eucaristia, como as polêmicas de Berengário (século XI), de Wycliffe (século XIV) e da Reforma (século XVI), fizeram com que a Igreja voltasse sua atenção para a presença real de Cristo na Eucaristia. Diante dos problemas, a Tradição primitiva de equilíbrio das duas mesas (da Palavra e da Eucaristia) foi alterado. Com o Concílio, a Igreja devolveu à Palavra de Deus seu caráter de instrumento indispensável para crer, pregar, evangelizar e fazer teologia. Tal condição não ficou alheio ao ministério diaconal. Assim, a presidência de uma celebração da Palavra por um diácono ganha caráter sacramental por duas razões: (1) a presença do diácono, configurado sacramentalmente a Cristo, garante a dimensão hierárquica a ser integrada à assembleia em sua dimensão carismática e (2) o anúncio do Evangelho e a homilia feitas pelo diácono garantem a partilha do pão da Palavra pelo próprio Cristo à assembleia celebrante (BENDINELLI, 2016, p. 139 e 208).

Bento XVI, em sua exortação apostólica *Verbum domini, sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja* (2010, no. 56), recorda a presença análoga de Cristo tanto nas espécies eucarísticas quanto em sua Palavra proclamada, chegando a mencionar uma sacramentalidade da Palavra no contexto litúrgico:

É possível compreender a *sacramentalidade* da Palavra através da analogia com a presença real de Cristo sob as espécies do pão e do vinho consagrados. Aproximando-nos do altar e participando do banquete eucarístico, comungamos realmente o corpo e o sangue de Cristo. *A proclamação da Palavra de Deus na celebração comporta reconhecer que é o próprio Cristo que Se faz presente e Se dirige a nós para ser acolhido.* Referindo-se à atitude que se deve adotar tanto em relação à Eucaristia como à Palavra de Deus, São Jerônimo afirma: Lemos as Sagradas Escrituras. Penso que *o Evangelho é o corpo de Cristo*; penso que *as santas Escrituras são o seu ensinamento.* E quando Ele fala em comer a minha carne e beber o meu sangue (Jo 6,53), embora estas palavras se possam entender do Mistério eucarístico, todavia também *a palavra da Escritura, o ensinamento do Deus, é verdadeiramente o corpo de Cristo e seu sangue.* Quando vamos receber

o mistério eucarístico, se cair uma migalha sentimo-nos perdidos. E quando estamos a escutar a Palavra de Deus e nos é derramada nos ouvidos a Palavra de Deus que é a carne de Cristo e seu sangue, se nos distraímos com outra coisa, não incorremos em grande perigo? *Realmente presente nas espécies do pão e do vinho, Cristo está presente, de modo análogo, também na Palavra proclamada na liturgia.*

No entanto, há quem possa se questionar: a celebração da Palavra feita por um diácono pode ser considerada liturgia? Seguindo os apontamentos de Julio BENDINELLI (2016, p. 210), a sacramentalidade da celebração da Palavra é legítima e análoga àquela da própria celebração eucarística. O teólogo Matias AUGÉ (2012) chega a afirmar que há um *sacramentum* no encontro entre a Palavra revelada e fiéis reunidos em assembleia cultural. Na Introdução ao Lecionário da *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário* (2008, p. 183-263), vemos que na celebração da Palavra, o Cristo realmente presente na assembleia litúrgica realiza o mistério da salvação, santifica os homens e presta culto perfeito ao Pai. Conforme José ALDAZÁBAL (2002, p. 408-409): “já na celebração da Palavra há um acontecimento de salvação, Cristo Jesus já está presente, dando-se como alimento salvador, já se realiza de um modo determinado a salvação e a aliança proclamadas...”

Podemos afirmar, então, que a celebração da Palavra presidida por um diácono é uma diaconia, ocasião privilegiada de encontro com o Senhor. Nela, é Cristo que, na pessoa do diácono e na Palavra proclamada em assembleia litúrgica, fala e opera sua obra salvadora. O Cristo Palavra proclamado pelo diácono, pão da vida, é o mesmo Cristo que se faz carne e alimenta a Igreja na Eucaristia pelas mãos do presbítero (BENDINELLI, 2016, p. 206 e 216). O Senhor é Emanuel, “Deus conosco”, já na proclamação das Sagradas Escrituras. Claro que a presença real de Cristo na Eucaristia é *perene*, pois, *substancial*, ou seja, enquanto permanecem as espécies do pão e do vinho, permanecem o Corpo e o Sangue de Cristo. Na celebração da Palavra, por sua vez, a presença é real *enquanto durar a celebração*, cessando quando esta termina e quando a assembleia se dispersa (DEISS, 1998, p. 38). O Papa Paulo VI, na encíclica *Mysterium fidei*, números 36, 38 e 41, afirma:

De modo verdadeiríssimo, Cristo está presente à sua Igreja enquanto ela prega, sendo o Evangelho assim anunciado, Palavra de Deus; esta pregação só se

realiza em nome de Cristo, verbo encarnado de Deus e com a sua autoridade e assistência. [...] Além disso, de modo ainda mais sublime, está Cristo presente à sua Igreja quando esta, em seu nome, celebra o sacrifício da missa e administra os sacramentos. [...] Esta presença (na eucaristia) chama-se 'real' não por exclusão, como se as outras (formas de presença) não fossem reais, mas por antonomásia porque é substancial...

Ou seja, a Missa deve ser preferida, mas, não deve adquirir caráter excludente, como se Cristo não se fizesse presente também na celebração da Palavra. Além disso, “a celebração da Eucaristia no sacrifício da Missa é verdadeiramente a origem e o fim do culto que à mesma Eucaristia se presta fora da Missa” (EUCCHARISTICUM MYSTERIUM, no. 3e). Assim, a Palavra celebrada por um diácono é também serviço ao Corpo de Cristo, em Cristo e por Cristo, pois a “Igreja sempre venerou as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na sagrada Liturgia, de tomar e distribuir aos fiéis o pão da vida, quer da mesa da palavra de Deus quer da do Corpo de Cristo” (DEI VERBUM, no 21).

Considerações finais

Os diáconos, desde os tempos apostólicos, servem ao povo de Deus pregando a Boa Nova do Reino (*munus docendi*), abençoando, incorporando os homens no Reino dos Céus pelo Batismo, celebrando a Palavra de Deus, auxiliando na celebração eucarística (*munus sanctificandi*) e socorrendo os irmãos em suas necessidades materiais (*munus regendi*). O diácono é sinal sacramental do Cristo Servo e expressão da Igreja Servidora. Sua função é a da mediação. É servidor do Cristo na mesa da Palavra, servindo-o na Celebração da Palavra e na pregação. É servidor da mesa do Pão Eucarístico, servindo aos episcopos e presbíteros na Santa Missa. É, enfim, servidor do Cristo na mesa do pão repartido, auxiliando o irmão desvalido e marginalizado.

Sua missão evangelizadora passa pelo “servir à mesa”. O diácono é o servidor da Palavra, das espécies eucarísticas e do Cristo pobre. Seu serviço, no entanto, passa inicialmente por sua relação de proximidade com o Cristo, diácono do Pai, de quem é sinal sacramental. A diaconia da Igreja torna-se visível na pessoa do diácono que, como ministro ordenado, serve ao Povo de

Deus in persona Christi servi. Assim, seu serviço à mesa da Palavra não deve ser visto como inferior ou como suplência, nem se deve esvaziar de sentido a celebração da Palavra de Deus presidida pelo diácono. O Concílio Vaticano II a reconhece como ação litúrgica, quando incentiva sua promoção nas vigílias e festas mais solenes, em dias feriais do Advento e da Quaresma, inclusive nos domingos e dias de festa, especialmente onde não houver sacerdote para a celebração da Santa Missa (SACROSANCTUM CONCILIUM, n. 35).

O serviço à Palavra numa celebração, por exemplo, tem sentido e significado em si mesmo, pois, no encontro entre a Palavra revelada e os fiéis reunidos em assembleia cultual, mediados pela hierarquia, na figura do diácono, não pode haver outra realidade senão um acontecimento de salvação (ALDAZÁBAL, 2002), ou um mistério de salvação (INSTRUÇÃO GERAL DO MISSAL ROMANO, 2008). Na celebração da Palavra é Cristo que, na pessoa do diácono – uma vez configurado sacramentalmente a Cristo – e na Palavra proclamada em assembleia litúrgica – onde o próprio Cristo anuncia a Boa Nova do Reino –, fala e opera sua obra redentora. O mesmo Cristo que alimenta seu povo nas espécies eucarísticas nutre-o com o pão da Palavra na *Mensa Verbi Dei*.

Referências

ANTIOQUIA, Inácio de. *Carta aos Tarsos* 3,1; SCh 10, 113.

AQUINO, João Paulo Thomaz de. “Atos 6,1-7: a gênese do ofício diaconal?”. In *Fides Reformata* XV, no 2 (2010), p. 9-20.

ALDAZÁBAL, J. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

AUGÉ, M. “La parola di Dio celebrata: dalla Sacrosanctum Concilium alla Verbum Domini”. *Rivista Liturgica*, 2 (mar/apr 2012).

BARNETT, J. M. *The Diaconate: a Full and Equal Order*. Harrisburg: Trinity Press International, 1995.

BENDINELLI, Julio Cesar. *Servidor da mesa da Palavra de Deus: estudo teológico-pastoral sobre o ministério do diácono permanente*. Rio de Janeiro: Departamento de Teologia/Programa de Pós-Graduação em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Tese de doutorado), 2016.

_____. *Diaconia da Palavra: o ministro e a missão do diácono permanente*. São Paulo: Paulus, 2011.

BENTO XVI. *Verbum domini*. Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.

BEYER, Hermann Wolfgang. “*Diakôneo, diakonia, diakono: servir, serviço, diácono*”. In: KITTEL, Gerhard (Ed.). *A Igreja no Novo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1965.

BORRAS, Alphonse; POTTIER, Bernard. *A graça do diaconato: questões atuais relativas ao diaconato latino*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

BOSELLI, G. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: CNBB, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (1). 13. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

CNBB. “Introdução ao Lecionário”. In *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. Brasília, DF: CNBB. 2008, 183-263. N. 4.

DEI VERBUM, Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina.

CRISÓSTOMO, João. “*Homilia 14*”. In: *In Acta apostolorum*, PG 60, col. 116.

CYPRIEN, S. *Correspondance*, lettre 3, III 1. Paris: Budé, 1925, t. I.

DEISS, L. *A Palavra de Deus celebrada*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DIDAKHE. Disponível em: <<http://www.ensinandodesiao.org.br/parabolas/Didache.pdf>> Acesso em: 3 mai. 2015.

DIBOUT, C.; FAIVRE, A. *Les diacres de la première Église*. Notre histoire 136, 1996.

DIRETRIZES PARA O DIACONADO PERMANENTE DA IGREJA NO BRASIL. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2012.

DURAN, José Duran Y. *Diaconato Permanente e Ministério da Caridade*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

DOCUMENTO DE APARECIDA: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 2007.

EBNER, Martin. “Dos primórdios até a metade do século II”. In: KAUFMANN, Thomas (et alii). *História Ecumênica da Igreja (1): dos primórdios até a Idade Média*. São Paulo: Edições Loyola: Paulus; São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2012.

EUCCHARISTICUM MYSTERIUM, Instrução, 1967.

FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991.

FAIVRE, Alexandre. *Ordonner la fraternité*. Pouvoir d’innover et retour à l’Ordre dans l’Église ancienne. Paris: Cerf, 1992.

- FIGUEIREDO, Fernando Antônio. *Curso de Teologia Patrística* (Vol. 2): A vida da Igreja Primitiva. Petrópolis: Vozes, 1984.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do Saber*. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- GATZWEILER, K. “Le ministère du diaconat dans le Nouveau Testament”. In: HAQUIN, A.; WEBER, PH. *Diaconat XXI^e siècle*. Bruxelles, Lumen Vitae/ Novalis/ Cerf/ Labor et Fides, 1997.
- HAENCHEN, Ernst. *The Acts of the Apostles*. Philadelphia: Westminster, 1971.
- HESS, Klaus. “Diakoneo”. In: BROW, Colin (Ed.). *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT*. v. 4. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- IRINEU DE LIÃO. *Contra as heresias [c.180]: denúncia e refutação da falsa gnose*. São Paulo: Paulus, 1995.
- IRVIN, Dale T.; SUNQUIST, Scott W. *História do movimento cristão mundial: do cristianismo primitivo a 1453* (Vol. I). São Paulo: Paulus, 2004.
- JOÃO PAULO II. “Discurso aos diáconos norte-americanos”. Apud PETROLINO, E. *Diaconado: serviço e missão*. Lisboa: Paulus, 2007, p. 172.
- JOSEFO, Flávio. *Bellum Judaic*. VII, 45.
- KAUFMANN, Thomas (et alii). *História Ecumênica da Igreja (1): dos primórdios até a Idade Média*. São Paulo: Edições Loyola: Paulus; São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2012.
- LEMAIRE, A. *Les ministères aux origines de l'Église*. Paris: Cerf, 1971.
- MACARTHUR, John. *Acts 1 – 12*. Chicago: Moody, 1994.
- MARAVAL, P. *Le Christianisme de Constantin à la conquête arabe*. Paris: PUF, 1997.
- MARINS, José. *Diaconato e Comunidade de Base*. São Paulo: Salesianas, 1968.
- PELIKAN, J. *La tradition chrétienne. Histoire du développement de la doctrine* (III). Paris: PUF, 1994.
- PETROLINO, E. *Diaconado: serviço e missão*. Lisboa: Paulus, 2007.
- PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1982.
- PINTO, Luciano Rocha. “Diaconado Latino: uma reflexão sobre seu desaparecimento a partir das relações de poder pastoral”. *Atualidade Teológica*. Ano XX, fascículo 52, 2016, p. 106-128.
- POLHILL, John B. *Acts*. Nashville: Broadman & Holman, 2001.

PONTIFICAL Romano. *Ritual de Ordenação de bispos, presbíteros e diáconos*. São Paulo: Paulus, 2. ed., 2002.

PRAT, F. *Les prétentions des ciacres romains au IVe siècle*. *Recherches de Science Religieuse* 3, 1912.

RIEFF, Sissi Georg. *Diaconia e culto cristão: resgate de uma unidade essencial e suas consequências para a vida das comunidades cristãs*. Escola Superior de Teologia (Tese de Doutorado). São Leopoldo, RS, 2003.

SACROSANCTUM CONCILIUM: constituição conciliar sobre a sagrada liturgia.

SUFFERT, Georges. *Tu és Pedro: santos, papas, profetas, mártires, guerreiros, bandidos. A história dos 20 séculos da Igreja fundada por Jesus Cristo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Artigo recebido em 10 de agosto de 2016
e aprovado para publicação em 09 de setembro de 2016

Como citar:

PINTO, Luciano Rocha. *Mensa verbi Dei: O ministério diaconal da Palavra de Deus*. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 31, p. 81-103, jan./jun. 2017. ISSN 1677-7883. Disponível em: <www.revistacoletanea.com.br>.